



Na pág. ao lado, Sem Título (Longe dos Olhos), 2019, e, abaixo, detalhe de Sem Título (Tragédia Civil), 2019, de Jimson Vilela



**V E R    O    L E R    E**  
**V I C E - V E R S A**

**FABIO MORAIS**

OBRA DE JIMSON VILELA, EM EXPOSIÇÃO NA GALERIA SIMONE CADINELLI, NO RIO, EXPRESSA VONTADE DE SE APROPRIAR DE FORMAS ORDINÁRIAS, COMO O LIVRO, COM A INTENÇÃO DE DEFORMÁ-LAS CONCEITUAL E FISICAMENTE



**AO UNIR LIVROS ATRAVÉS DE FOLHAS QUE SE ESTICAM ENCADERNADAS EM DIFERENTES EXEMPLARES, JIMSON VILELA PÔE FIM À SOLIDÃO NA QUAL CADA EXEMPLAR SE FECHA NO PRÓPRIO MONÓLOGO.** O artista desfuncionaliza o livro ao abandonar o design em prol de procedimentos escultórico-instalativos, em que livros escorregam rumo a outros para se contradizer de forma mútua e, então, dialogar.

Mesmo sem palavras, algumas obras de Vilela sugerem narrativas formais, objetais, imagéticas. Há regiões mais afeitas à afecção do que ao significado – onde a semântica falha, quando não, estraga. Em muitos livros tornados cenas, colunas infinitas e objetos retorcidos, não há texto e, portanto, não existe prazer literário, ainda que o livro seja símbolo da literatura. Mas, para quem tem estreita relação com a leitura, é provável que essas obras, mesmo desprovidas de dimensão verbal, afetem de modo particular.



Na pág. ao lado, detalhe de *Sem Título (Unidade Tripartida)*, 2018, e, acima, *Sem Título (Conjuntura)*, 2015. obras anteriores de Jimson Vilela

Em obras textuais, a arte costuma manter-se alheia às formas literárias, já que ela não conta, não evoca, não representa fatos e objetos, ela é fato e objeto. Ainda que a arte conte com o poder evocativo e significativo das palavras, o que as materializa em obra é também a natureza que têm de ser objetos que circulam entre objetos, e não apenas a de ser signos que suscitam imaginação. Assim, palavra é matéria tanto quanto é signo, e escrever pode ser, por exemplo, apagar textos impressos, objetificando a escrita em reinscrição, agora em código residual e performativo (Névoa, 2013) ou ainda recortar páginas reeditando o texto não pela lógica de seu discurso, mas pela forma recortada (*Sem Título [Unidade Tripartida]*, 2018).

Sobre a objetificação, há de se lembrar que escrever livros é uma metáfora: *ipsis litteris*, não se escrevem livros, mas textos. Porém, essa metáfora condiz com práticas escritas que vão além da composição verbal. No campo da arte, escrever – organizar signos e significados que construam sentido – e inscrever – cravar informação na matéria – somam-se a outras noções que expandem a ideia de escrita, como editar, apropriar-se, listar, rasurar, objetificar enunciados. Artistas manipulam palavras como coisas materiais no espaço físico tanto quanto manipulam ideias e idiomas onde as palavras são meios que levam à imaterialidade de um espaço discursivo. Na arte, ambas as práticas podem ser consideradas escrita, intersectando espaços, a princípio, limítrofes: o físico e o cognitivo.



Sem Título (Comum Acordo), 2012, de Jimson Vilela

**Jimson Vilela**, de 16/9 a 14/11, Simone Cadinelli Arte Contemporânea, Rua Aníbal de Mendonça, 171, Rio de Janeiro | simonecadinelli.com

## TÍTULOS COMO ESPAÇOS DE ESCRITA

Em relação aos livros, a única coisa que Vilela não faz é escrevê-los no sentido clássico e normativo, normativo e clássico sentido da escrita que então subverte os próprios paradigmas ao levantar voo do grafite sobre papel, se materializar e se retorcer para fora do verbal, rumo ao tridimensional que existe em relação aos livros.

Jimson Vilela usa os títulos de suas obras também como espaços de escrita (Título Oculto [Homenagem a Lygia Clark], 2013) onde, inclusive, às vezes, abre um interstício também de prática textual. A falta de título de algumas de suas obras é muitas vezes desmentida por um quase título entre parênteses que o promovem a texto indissociável da obra (Sem Título [Comum Acordo], 2012; Sem Título [Conjuntura], 2015). Todo “sem título”, clássico modernista alinhado à pureza formal e imagética contra a contaminação significativa do verbal, contradiz sua suposta neutralidade ao alinhar a obra ao ideal purista da linguagem plástica. No espaço entre o “sem título” e o quase título tornado texto, Vilela esboça uma legenda latente a ser completada, reafirmando o verbal de sua práxis.

Já a escrita espacial do artista inscreve-se na lógica expositiva, na qual o arranjo de materiais como acrílico, metal, papel e espelho acontece sob as formas significantes e literais de mesas, livros e lâmpadas. Esses arranjos configuram imagens que desencadeiam possíveis narrativas particulares, íntimas e únicas para quem observa. É o inverso do literário, no qual o narrativo é construído pelo verbal, cuja leitura produz imaginação. Se parte da arte moderna sofreu com o pavor de suscitar narrativas, há mais de cinco décadas esse recalcado formalista foi deixado de lado, de modo que se inscrevem intenções narrativas nas materialidades para que “ver o ler” e “ler o ver” sejam um só processo de fruição da obra, alheio a qualquer curto-circuito que a embolorada divisão entre imagem e palavra ainda possa causar.

## VONTADE MAQUÍNICA

Na obra de Jimson Vilela está inscrita a relação histórica entre design e escultura, em que ambos traem os preceitos puristas um do outro. Também está o *ready-made* subvertido pela vontade de se apropriar de formas ordinárias, como o livro, mas com a intenção de deformá-las não apenas conceitual, mas fisicamente. Há ainda as torções barroco-expressionistas racionalizadas, como a fita de Moebius que há no Caminhando de Lygia Clark ou a Unidade Tripartida de Max Bill, mas que, ao contrário desses exemplos, na obra de Vilela potencializam o figurativo mais que especulam a forma. Está inscrita também certa vontade maquinica que estica páginas ao ponto de elas parecerem estar em movimento, como fábricas descontroladas que cospem papel (Adaptável ao Espaço Que as Palavras Ocupam, 2015) ou como uma película fílmica rodando entre livros (Sintomas e Efeitos Secundários da Sintonia, 2013). Há ainda certa intenção fotográfica quando o artista incide luz sobre exemplares de papel de jornal, a fim de evidenciar sua fotossensibilidade, de modo que a luz fotografe livros sobre livros e neles registre os fantasmas de seus pares.

Sobre fotografia, sombras e papel de jornal tão ordinário quanto a notícia impressa, no silêncio verbal de Sem Título (Tragédia Civil), de 2019, nos 80 livros de papel de jornal em branco iluminados por um só disparo de luz, ecoam inscritos os 80 tiros com os quais o Estado brasileiro, através do Exército, assassinou “por engano” – há momentos em que usar aspas é um símbolo gráfico da impotência pessoal – os cidadãos Evaldo dos Santos Rosa e Luciano Macedo, no Rio de Janeiro, em abril deste ano. No termo “em branco” pairam os genocídios brasileiros esquecidos de forma constante e apressada já no momento em que acontecem. É um mecanismo perverso e proposital de apagamento histórico que perpetua um país de “história branda e pacífica”, com “um povo de cidadãos de bem”, “de patriarcas cordiais”, “membros de uma grande democracia racial” – aspas impotentes que, ao pontuar a ironia, acentuam a face cínica de um projeto de alienação política, de ódio racial, social e de classe para o embrutecimento nacional que não aparece nas partes em branco dos nossos livros de história. ■